

## Estigmatização dos outsiders

Flávia Cristina Regilio Rossi<sup>1</sup>

O termo “estigma” tem origem grega e referia-se àquilo que através de sinais corporais se mostrava algo de extraordinário, diferente, desviante sobre o *status moral* de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou um traidor. Era uma pessoa marcada que devia ser evitada. Já na Era Cristã, o termo assumiu dois níveis de metáfora. O primeiro referia-se a sinais corporais de graça divina que tomavam a forma de flores em erupção sobre a pele; o segundo referia-se a sinais corporais de distúrbios físicos. Hoje em dia o termo é usado no sentido literal original e, mais ainda, aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal.

Segundo Erving Goffman, a sociedade define os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem os tipos de pessoas que neles possam e devem ser encontrados e a partir disso se relacionam.

O termo estigma é usado em referência a uma pessoa, ou a um grupo onde lhe é atribuído um caráter depreciativo. É importante ressaltar que o estigma, antes de ser estritamente atribuído de modo pessoal, faz parte de um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo sendo, na verdade, uma linguagem de relações e não apenas de atributos.

Há três tipos de estigma; do tipo físico (abominações do corpo e deformidades físicas), de “caráter moral” (vindo do poder das instituições) e o de tipo “tribal” (raça, etnicidade, religião, classe social).

Numa perspectiva sociológica, os estigmatizados são pessoas que poderiam ter sido facilmente aceitos nas relações sociais cotidianas não fosse um traço que atrai à atenção e o afastam do grupo. Nesta perspectiva, outros atributos, que poderiam ser considerados, são ignorados. Esses indivíduos sofrem vários tipos de discriminações, o que consequentemente, reduzem suas chances de vida.

No que diz respeito a situações de vida dos indivíduos estigmatizados, sua característica central está na questão da “aceitação”. As relações dos ditos “normais” com os estigmatizados é diferente das relações “normais – normais”, isto porque os “normais” não lhe dão o respeito e a consideração que os aspectos não contaminados de sua identidade possuem, a parte estigmatizadora, dessa maneira, garante o estigma como um todo no indivíduo.

<sup>1</sup> Graduação – Ciências Sociais/UFPR.

Winston Parva é o nome fictício de uma pequena comunidade inglesa que era dividida em três bairros. Esses bairros eram reconhecidos como diferentes pelos próprios habitantes. A Zona 1 era quase que um bairro de classe média e residencial, as Zonas 2 e 3 eram áreas de operários que diferiam-se a partir do tempo de residência na região. A Zona 1 se transformou, com o decorrer do tempo, em uma área de prestígio, quem morava naquela região era dotado de um símbolo de sucesso tanto internamente como também perante as outras regiões. A Zona 2 diferia-se da Zona 1 pela sua aparência externa. Na Zona 1 a maioria das pessoas moravam, em casas germinadas em centro de terreno, com garagens e ruas bem largas. A Zona 2 compunha-se de centenas de meias-água contíguas, com muitas vielas estreitas e pequenos quintais. Em termos de classe social, a Zona 2 era um bairro operário semelhante a Zona 3. A Zona 3 era um bairro que se situava numa área mais precária, numa região pantanosa e infestada por ratos. A Zona 3 era estigmatizada de “beco dos ratos” pelas demais regiões. A maioria das pessoas que residiam ali eram vindas do norte da Inglaterra atraídas pela melhor oferta de emprego na região. Era um região que estava sendo habitada devido à mudança de situação que se encontrava o país. A rápida imigração em massa sofrida pela comunidade de Winston Parva acarretou em um forte impacto aos residentes e aos imigrantes.

Os novos moradores de Winston Parva trouxeram consigo seus costumes, tradições e estilo de vida próprios. Essa constatação acabou por assustar os já residentes na região. Aos novos moradores, foram lhe atribuídos *status* de inferioridade pelos demais moradores. As diferenças consideráveis entre eles, acabaram por formar uma nova forma de estratificação social a partir da posição social dos três bairros.

Os bairros estudados por Norbert Elias (Zona 1, 2 e 3) evidenciavam suas diferenças a partir da consideração de que a Zona 1 era uma bairro de prestígio, de pessoas bem estabilizadas e detentoras de certos bens. A Zona 2 era um bairro de tradição, dos estabelecidos. Já a Zona 3, eram os novos moradores, os outsiders, pessoas classificadas como de menor valor humano. A partir dessa constatação, se percebe o caráter estigmatizado dos moradores da Zona 3. Os grupos de estabelecidos, julgavam-se, a partir de então, pessoas “melhores” dotadas de uma espécie de carisma grupal. Com este julgamento, se nota que até mesmo os indivíduos outsiders aceitam esta posição e se colocam como carentes de virtudes, vindo a julgarem-se humanamente inferiores.

As diferenças habitacionais entre os moradores das Zonas 2 e 3, não eram evidentes, não havia diferenças de cor, nacionalidade, ocupação, renda, nível de escolaridade ou seja, não havia diferença quanto a classe social, desta maneira o estigma aparece sendo produto do tempo de residência na região.

Desta maneira, de acordo com a classificação dos três tipos de estigmas identificado por Goffman, o caso dos moradores da Zona 3 de Winston Parva, sofriam de um estigma de caráter moral. Os contatos entre o grupo estabelecido e os outsiders eram extremamente restritos e se davam praticamente apenas de modo profissional. O tabu em torno desses contatos vinha a ser mantidos através dos meios de controle social, como a fofoca elogiosa e a depreciativa.

Ainda segundo Goffman, em termos sociológicos a questão central de análise é o lugar do grupo estigmatizado na estrutura social. Para a real compreensão das diferenças que fazem os estigmatizados serem como tal é necessário não olhar para os diferentes, mas sim para o comum. Uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas, sendo as normas sustentadas, por que foram incorporadas.

Na Zona 2, não só os laços de vizinhança, mas também os de parentesco, eram visivelmente mais fortes do que no restante de Winston Parva. Havia uma estreita ligação entre eles, uma intensa identificação do indivíduo com o grupo. Os laços afetivos da região eram extremamente desenvolvidos.

Quando Norbert Elias foi pesquisar a região, a Zona 2 tinha cerca de 80 anos, já era uma região consolidada historicamente com seus costumes. Já a Zona 3 tinha aproximadamente 20 anos, não existia no local, laços afetivos, e a maioria dos moradores, ao contrário da Zona 2, diziam não gostar ou ser indiferente ao bairro. O bairro adquiriu uma má fama na cidade devido a uma minoria de habitantes que eram mal afamados. A falta de coesão, de solidariedade e o relativo isolamento das famílias fizeram com que toda a comunidade carregasse esta má fama, apesar de a maioria dos moradores da região levarem uma conduta não diferenciada dos moradores da Zona 2.

Os moradores da Zona 3 eram vistos como uma ameaça a ordem criada pelos moradores da Zona 2, não por que eles pretendiam perturbá-la, mas por que os próprios moradores da Zona 2 achavam que seu contato com eles rebaixaria seu próprio *status*. Segundo Goffman, a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. Desta maneira, os moradores da Zona 3 foram generalizadamente estigmatizados. A exclusão e a estigmatização dos outsiders eram as armas de manutenção da identidade e superioridade dos estabelecidos. Estes por sua vez, seguiam rigidamente seus laços afetivos, a coesão familiar e o controle comunitário. A chegada à Winston Parva dos indivíduos da Zona 3 era visto como uma ameaça a identidade dos moradores da Zona 2. Apesar da maioria das famílias da Zona 3 serem de mesma conduta da dos moradores da Zona 2, uma minoria considerada de "má conduta" fazia a fama para todos os moradores do local.

De acordo com Goffman, quando os estigmatizados e os normais estão na mesma “situação social”, ou seja, na presença física imediata um do outro, ambos tendem a esquematizar a vida de forma a evitá-los, com maiores consequências aos estigmatizados. Sociologicamente, quando os dois se encontram ambos os lados enfrentam diretamente as causas e efeitos do estigma. No caso de Winston Parva, os próprios moradores da Zona 3 se sentiam “inferiores” aos moradores da outra zona. Por se sentirem inseguros perante a alta coesão dos moradores da Zona 2 e seu poder consequente, eles internalizaram o rótulo de pessoas de “valor humano inferior” e se enfraqueceram. Isto diminuía ainda mais, a possibilidade desses moradores de formarem uma comunidade local unida e coesa.

O que se percebe a partir daí é a questão do poder. Nessa comunidade, o diferencial de poder, se deu nos aspectos da auto afirmação de “superioridade social” dos moradores da Zona 1. A afirmação de expressões como “velhas famílias” promovem padrões sociais que são transmitidos de geração a geração. Os grupos de família transmitem de uma geração para outra as fontes de poder que, como sendo um grupo, são capazes de monopolizar estas fontes.

Essas velhas famílias, de um modo sociológico, costumam ter um código de conduta que exige, em situações específicas ou na totalidade delas um grau de controle muito grande se comparado com outros grupos interdependentes de *status* inferior. Este código exige um nível mais elevado de autodomínio e assim lança comportamentos mais firmemente regulados, associado a uma previdência maior, maior autodomínio e costumes mais refinados e providos de tabus mais elaborados. Essas formas de autocontrole socialmente induzidos aumentam as chances de que um grupo superior se afirme e mantenha o poder.

No caso dos estabelecidos e outsiders de Winston Parva, há um equilíbrio instável de poder com as tensões que lhe são inerentes. Segundo Norbert Elias, esta é uma precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido.

Em seu estudo, Norbert Elias percebeu claramente naquela pequena comunidade, a marca indelével provocado por esse tipo de atributo que, dado as pessoas da Zona 3, garantia e dava segurança aos moradores da Zona 2 da continuidade de sua lógica, sua ordem e de seu poder. Mas é óbvio e incontestável que essas marcas indeléveis estão muito próximas de nós. Não precisamos fazer uma pesquisa de campo numa comunidade anônima para percebe-la. Os exemplos são tantos que podemos, de uma forma, colocar todos os tipos de estigma – seja a diferença comportamental, o desvio de alinhamento grupal e social, os comportamentos desviante (aqui se enquadram os delinquentes, as prostitutas, os usuários de drogas entre outros), os estigmatizados por sua cor, raça, religião, etnia, distúrbios físicos e mais

dezenas de outros tipos de estigma que parecem engajar uma espécie de negação coletiva da ordem social vigente, integrando o que Goffman chama de “comunidade dos estigmatizados”. Esses estigmatizados podem fazer parte daquilo que Durkheim chamou de anomia. Esta anomia é de extrema importância para que se estabeleça e se (re)afirme a todo momento os padrões de normalidade impostos por uma sociedade. Sendo assim, ao mesmo tempo que eles tendem formar uma comunidade própria – seja pelo receio dos “normais” de desvio da ordem vigente, seja por qualquer outra justificação – eles são marginalizados por estarem inseridos numa sociedade, eles são grandes responsáveis pela (re)afirmação da conduta, do corpo, enfim, da continuação de como são e vivem os “normais”. Embora os estigmatizados sejam tidos como “diferentes”, como uma ameaça, eles são usados como um instrumento que faz permanecer a ordem social vigente. Winston Parva é um exemplo disto, ou seja, a presença dos moradores da Zona 3 ao mesmo tempo que ameaçava, reforçava e reafirmava a conduta dos moradores da Zona 2.

\*\*\*

**ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.**